

Crítica

Meloteca

EURICO

CARRAPATOSO

[CRÍTICA E OPINIÃO]

[Excertos de crítica e opinião sobre a música de Eurico Carrapatoso]

Do paraíso ao êxtase! E se vos disser que no passado fim de semana tivemos em Lisboa a tradução musical desse sonho em duas noites consecutivas?(...) com a interpretação pelo coro e orquestra da Juventude Musical Portuguesa da obra "In Paradisum" do compositor Eurico Carrapatoso. No fim também nós ascendêramos in paradisum...

Bernardo Mariano, *Diário de Notícias*, 24 Nov. 1995

Do todo (orquestrações dos 14 contrapuncti de "A Arte da Fuga" de J.S.Bach) destaco a abordagem de Eurico Carrapatoso (nº1), reveladora dum profundo conhecimento da linguagem bachiana.

Bernardo Mariano, *Diário de Notícias*, 09 Jun. 1997

Eurico Carrapatoso é uma enorme surpresa pela sua escrita, simples mas concreta, irónica e com humor. (...) Sem querer menosprezar ou relegar para segundo plano os outros autores, Eurico Carrapatoso é a chave que abre as portas do encanto em "Vocalizos".

Orlando Leite, *Semanário*, 20 Set. 1997

O interesse maior de "Vocalizos" reside, na minha opinião, nas obras de Eurico Carrapatoso e de Lopes-Graça. (...) Na beleza intrínseca das peças, na mestria técnica demonstrada, na inspiração ora dolente, ora vigorosa e irónica / ternamente perversa, Eurico Carrapatoso parece-me cada vez mais perto desse repensar a linguagem tonal.

Sérgio Azevedo, *Arte Musical* n.º 8/9, Julho-Outubro de 1997

Carrapatoso's work is closely linked to the French tradition. His beautiful "In Paradisum" is a remarkable achievement.

Ivan Moody, *Time Magazin*, Londres, Outubro de 1997

De facto, Eurico Carrapatoso traz a este disco (Vocalizos) música belíssima.

Fernando Pires, *Diário de Notícias*, 30 Set. 1997

As “Cinco Elegias” de Eurico Carrapatoso são uma jóia de inteligência e síntese.

Alejandro Erlich Oliva, *Diário de Notícias*, 13 Mar. 1998

Portugal ha tenido una participación este año sumamente original porque ha presentado a la vez, de un compositor de Portugal, Carrapatoso, que ha hecho una obra con todo un sabor muy hermoso de vuestra música y que tiene un trabajo vocal y instrumental de primera línea, impecable. La obra de Carrapatoso, las “Cinco melodias em forma de Montemel”, me han emocionado non solamente par la calidad del trabajo, una especie de Bartok contemporáneo de Portugal que les hace mucho honor, par sino sobretudoo par la instrumentación tan delicada del corno, del piano e la voz tan hermosa me va permitir difundirla a mi país a través del CD que han tenido la gentileza de me presentar.

Alicia Terzian, compositora e directora artística da F.E.I.M.C., RDP-Antena 2, 20 Jun. 1998

Os trabalhos apresentados (no CD “Canções populares portuguesas” pelo Coro de Câmara de Lisboa) têm a virtude de não adulterarem a serena beleza das melodias populares. O requinte técnico dos procedimentos de reelaboração utilizados atingem particular complexidade nos casos de Fernando Lopes Graça e Eurico Carrapatoso(...) que constituem a corrente principal do repertório gravado. Uma feliz escolha, baseada na impressionante qualidade dos trabalhos destes dois criadores.(...)

Alejandro Erlich Oliva, *Diário de Notícias*, 31.VII.1998

Ao ouvirmos as “Canciones para Piano e Voz emocionada” de Eurico Carrapatoso compostas em 1998 sobre textos de Federico García Lorca (...) estamos perante uma obra representativa da recente produção musical em Portugal. Eurico Carrapatoso é um dos nomes mais relevantes na nova música portuguesa e a sua música descomprometida, não alinhada e liberta de preconceitos castradores do pensamento livre aponta para mais um dos vários caminhos possíveis para a afirmação do discurso musical. A discussão sobre a constante procura ou as efémeras certezas dos meios expressivos adoptados para suporte musical das novas ideias deixa de fazer sentido perante o encantamento que emana da fruição musical deste ciclo mágico.

Gabriela Canavilhas, Festival de Mafra, 18 Out. 1998

Ouviu-se a “Deploração sobre a morte de Jorge Peixinho” (pela Orquestra Nacional do Porto, na igreja de S. Domingos em Macau), de Eurico Carrapatoso. Nela presta homenagem à memória do que foi seu mestre e amigo. (...) Uma escrita com assinaláveis virtualidades a mostrar e apontar os caminhos futuros do compositor, que o experiente maestro Mark Foster, no final, convidou a compartilhar dos aplausos de uma assistência impressionada pela força da mensagem sonora.

Fernando Pires, *Diário de Notícias*, 06 Nov. 1998

Mas o disco (“Canções populares portuguesas”, Coro de Câmara de Lisboa, Teresita Gutierrez Marques, CD NUM 1073) comporta interessantes surpresas, entre as quais destacamos as canções harmonizadas por Eurico Carrapatoso (...) pela sua elaboração e riqueza de ambientes harmónico-polifónicas (...) Um encantador conjunto de canções.

Cristina Fernandes, *Arte Musical* n.º 14, Janeiro-Abril de 1999

Saliento, de Eurico Carrapatoso, a encantadora “Virgem de Lapa”, o vigoroso “Se fores ao São João” e a inefável canção de embalar que é “José embala o Menino”, verdadeira música angélica.

Sérgio Azevedo, *Arte Musical* n.º 14, Janeiro-Abril de 1999

A música de Eurico Carrapatoso é franca, directa e livre desses enfeudamentos tendencialmente esterelizantes que encontramos tão frequentemente no meio musical. (...) É uma música que revela uma sensibilidade depurada, que se alia a um conhecimento sábio e consistente das possibilidades instrumentais e vocais.

César Viana, *MusicAtlântico99*, Maio de 1999

As “Cinco melodias em forma de Montemel” são melodias populares transmontanas harmonizadas com grande talento.

Filipe Mesquita de Oliveira, *MusicAtlântico99*, Maio de 1999

Este ano, mais uma vez, o programa do Festival da Póvoa é variado e rico em repertórios e intérpretes. (...) Tudo isto para terminarmos com uma aposta decidida no presente e no futuro, perante a estreia

absoluta de uma nova obra de um jovem compositor português que é já um dos valores mais respeitados da nossa criação artística contemporânea mas que mergulha as raízes da sua Música na essência mesma de um sentir português, Eurico Carrapatoso.

Rui Vieira Nery, XXI FIMPV, Julho de 1999

Aguardava-se com expectativa "Aver-o-Mar".(...) Esta peça fala desta gente, que há muito se habituou a viver com o mar. É por isso mesmo uma música directa, sem subterfúgios. Contrastada. Descritiva. Pictórica. A escrita orquestral é muito hábil.

Fernando Lapa, *Público*, 02 Ag. 1999

I have been listening to a tape of music by Eurico Carrapatoso. I was delighted by his Cinco Elegias for wind quintet. Each of the five movements is explicitly influenced by the composer the movement is named after - Bartok, Tailleferre, Webern, Messiaen, and Stravinsky. These miniature elegies are superbly crafted. I was also impressed by the substantial orchestral and choral works on the tape.

Malcolm Galloway, *Classical London* #16, 12 Dez. 1999

Bons tempos para o lirismo. Na obra de Carrapatoso ("Magnificat em talha dourada", Festival dos Capuchos) a procura, honesta e consequente, de expressão através da música (...) a pluralidade de estilos que explora, a mestria com que domina as emoções e a manipulação de material preexistente, revelam um entendimento do acto criativo que, se bem que tenha como objectivo uma "nova simplicidade", não deve ser confundido com um acto gratuito. A obra deve ser encarada como uma prova do bom momento que atravessa a criação contemporânea em Portugal. A variedade de propostas representadas nesta obra de Carrapatoso e em outras estreadas recentemente augura um interessante sec. XXI. Agora só falta que as pessoas continuem a encher salas de concertos, como aconteceu, para se escutar a música que se escreve hoje.

Teresa Cascudo, *Público*, 06 Ag. 2000

Sob o título "Peregrinação Musical", era-nos proposto um recital (integrado no IV Festival Internacional de Música de Mafra) de voz, trompete e órgão por, respectivamente, Nicholas Robertson (tenor), David Staff (tocando corneto e vários tipos de trompetes) e David Cranmer.

A obra de Carrapatoso foi um dos pontos altos do concerto: as pequenas "deformações" intervalares e modais da melodia original do *Veni Creator Spiritus* no início, a conjugação da trompete e da voz na criação do clima geral da obra, as cascatas tímbricas de grande refinamento criadas pelo órgão, a conjugação deste e do trompete em sons etéreos e "ecoantes", o universo sonoro geral nevoento e inefável, as oitavas descendentes do final funcionando quase como uma "aterragem" (que o movimento ascendente do órgão logo "questiona"...) fizeram da audição desta obra um momento de inegável magia.

Bernardo Mariano, *Diário de Notícias*, 26 Out. 2000

Para o fim deste excepcional concerto (do *Remix-Ensemble* dirigido por Stefan Asbury) um dos dados mais relevantes: a presença da música portuguesa, aqui representada pela estreia de "La rue du chat qui pêche" de Eurico Carrapatoso. Escrita para este ensemble, por encomenda da Fundação Serralves, esta belíssima obra (...) de uma estética de largo espectro tem um jogo tímbrico requintado, que tanto aposta na continuidade como no súbito contraste; um desenho formal de gesto aberto e amplo. Em Serralves vimos uma sala cheia a aplaudir entusiasticamente um concerto de música contemporânea.

Fernando Lapa, *Público*, 02 Dez. 2000

O lirismo que impregna a música de Eurico Carrapatoso torna-a inconfundível no panorama actual da música portuguesa. A sua atitude desinibida e desassombrada, sobretudo no que diz respeito às tendências mais radicais da composição do séc. XX, marca uma obra onde os meios técnicos estão absolutamente subordinados às intenções expressivas. (...) As suas composições destilam uma dimensão poética apreensível de imediato.

Teresa Cascudo, *Público*, 28 Abr. 2001

"Horto Sereníssimo" é, embora uma obra completa em si, também, por assim dizer, o portão que dá entrada à talha dourada do *Magnificat*. Temos o mesmo êxtase e riqueza harmónica, a mesma fluidez melódica, mas a instrumentação é mais modesta e há um sentido de intimidade, adequado a este diálogo entre a Virgem e o Anjo Gabriel, sublinhada pela continuidade da obra que fornece outro contraste com a estrutura seccional do "Magnificat". Um Horto desta serenidade só cresce através de uma espiritualidade serena e profunda; saber transformar isto em música é mais difícil ainda – Eurico Carrapatoso é um dos poucos compositores que sabe operar esta sublime alquimia.

Ivan Moody, Ciclo de Concertos Noites de Primavera, 05 Mai. 2001

O resultado desta magnificente e irresistível composição de Eurico Carrapatoso é verdadeiramente fabuloso, inspirando e motivando uma ambiência arrebatada, prendendo a si quem a ouve e a pode fruir. O alto calibre qualitativo do “Magnificat em talha dourada” foi vibrantemente aplaudido e vitoriado pelo numeroso público presente na sala completa, irredutivelmente rendido a esta fascinante composição.

José Alberto Vasco, CISTERMÚSICA/2001, 31 Mai. 2001

Song is the thread that binds this invigorating disc together. (...) Carrapatoso's inventive fusion of idealised Azorean songs and his own creation (...) is a release that sings with life.

Eurico Carrapatoso offers seven melodies, alternating his own with popular Azorean tunes (CD Contemporary Portuguese Music Strauss SP 4350 – Opus Ensemble). His own stabbing, thrumming and mildly discordant pieces fuse remarkably effortlessly with the languid and reflective native melodies to create a suite both mutually dependent and ironically detached. The opportunity has given him licence to pile on ostinato after ostinato, to assert his own allegro against the Azorean tunes' natural lento-largo. The result is fresh and exciting. The performances are superb.

Jonathan Woolf, *Classical Reviews* - Dezembro de 2001

A “Deploração sobre a morte de Jorge Peixinho” para grande orquestra é já um marco incontornável na história da música contemporânea portuguesa. A sua escuta e análise causou não apenas o espanto bem como uma profunda e duradoura impressão no júri internacional de especialistas da Tribuna de Compositores da UNESCO, reunido em Paris em Junho de 1999. A meu ver é uma obra extraordinária a todos os títulos, quer na forma, quer no conteúdo, corolário natural do período de maturidade composicional vivido pelo Eurico Carrapatoso e que levou muito alto o nome de Portugal e da composição portuguesa.

João Pereira Bastos, director da Antena 2, “O despertar dos músicos”, 28 Dez. 2001

Eurico Carrapatoso defende a recuperação do que considera serem os valores nobres e atemporais da música: classissismo e equilíbrio, expressão e poesia. O lirismo que impregna “Le tombeau de Germaine Tailleferre” é a via por ele escolhida. A música, para ele, não deve ser unicamente para iniciados mas

para todos. As suas obras referenciam imagens vindas do passado, da religião, da literatura, numa rica amálgama de imagens sonoras.

Teresa Cascudo, CD *Musicália Música portuguesa para flauta e piano*, Fevereiro de 2001

Um Teatro deve ser aberto. Para abrir este Teatro definitivamente, "Aberto" João Lourenço escolheu uma aposta difícil: o Peer Gynt de Ibsen, isto é, uma daquelas peças que totalizam uma vida.(...) Aposta conseguida, com música original de Eurico Carrapatoso, que é um dos trunfos deste empreendimento.

Eduardo Prado Coelho, *Público*, 01 Mar. 2002

No passado dia 24 de Fevereiro, o Teatro Aberto abriu as portas do seu novo edifício, perto das antigas instalações, com Peer Gynt, uma obra esplendorosa do século XIX europeu e um dos grandes textos da literatura ocidental.(...) Eurico Carrapatoso criou uma música cénica absolutamente notável(...)

João Carneiro, *Expresso*, 15 Mar. 2002

Um excelente "Peer Gynt" em teatro novo. A versão em cena tem as assinaturas de João Lourenço e de Vera San-Payo de Lemos, pertencendo a esta a dramaturgia. Encenou, o primeiro. Muito acertada, a música de Eurico Carrapatoso. Ótima - e, hoje em dia, muito raro - a presença de música executada ao vivo.

Fernando Midões, *Diário de Notícias*, 19 Mar. 2002

Com este espectáculo (Peer Gynt) abre o há muito desejado Teatro Aberto.(...) Podia temer-se a operação de encomendar nova música de cena, quando há a tão célebre de Grieg, que o próprio Ibsen solicitou. E, em vez, o trabalho de Eurico Carrapatoso é notável.

Augusto M. Seabra, *Público*, 24 Mar. 2002

Pure pleasure (...) There is more than parody to Eurico Carrapatoso adroit homages to Bartok, Stravinsky, Messiaen, Webern and Tailleferre.(...) Strongly recommended. (CD *opus number zoo*, Deux-Elles DXL 1025 - Galliard Ensemble)

Michael Oliver, *Gramophone*, Maio de 2002

Curiosamente os pontos culminantes deste recital aconteceram com outras obras. As “Cinco canciones para Piano e Voz Emocionada” sobre textos de Federico García Lorca, de Eurico Carrapatoso, encerraram de forma impressionante a primeira parte do recital. A sua expressividade latente, onde sobressai uma hábil gestão dos contrastes, das dinâmicas e do tempo foi traduzida de forma absolutamente convincente(...)

Fernando Lapa, *Público*, 28 Mai. 2002

Ligeti's *Sechs Bagatellen* is a quite early work in his output and is still full of folk-inspired tunes and rhythms. The short movements are all arrangements of movements of *Musica Ricercata* for piano, and the whole suite is an enjoyable, tuneful work that has also become quite popular.

Luciano Berio wrote his *Opus Number Zoo* in 1951 and revised it in 1971. This delightful zoological romp is based on often-witty texts by Rhoda Levine recited by the players. The music of this early work is still redolent of composers who influenced the young Berio's music; and, no doubt, of Stravinsky whose *Histoire du Soldat* certainly was Berio's model.

However, this enjoyable collection includes two rarities. Eurico Carrapatoso is a young Portuguese composer totally new to me. His *Cinco Elegias* each pay homage to some contemporary composers from past generations: Bartók, Tailleferre, Webern, Messiaen and Stravinsky. None of these short movements actually quotes from these composers' work. Rather each cleverly and subtly alludes to some characteristic of each composer's music. So the homage to Germaine Tailleferre is appropriately Gallic in mood whereas that to Webern is quite understandably pointillist. The homage to Messiaen is one of the finest things in this work: a beautiful horn melody interrupted by a staccato figure echoing some of Messiaen's birdsongs, the whole – as with Messiaen - repeated several times. The Stravinsky tribute is a lively rhythmic movement. This is a quite attractive and enjoyable piece of music that all wind quintets should eagerly add to their repertoire. (CD *opus number zoo*, Deux-Elles DXL 1025 - Galliard Ensemble)

Hubert Culot, *Classical CD Reviews* - Julho de 2002

“O Lobo Diogo e o Mosquito Valentim” tem uma linguagem musical acessível aos miúdos. Daí ser natural que a obra entre no repertório para crianças. Penso que o compositor se preocupou com que as linhas melódicas tivessem uma certa simplicidade; por outro lado jogou com o virtuosismo instrumental. A peça é muito bem orquestrada, tem muito brilho e cor, o que substitui as imagens que as crianças estão à espera.

João Paulo Santos, *Jornal de Notícias*, 19 Dez. 2002

A obra de Eurico Carrapatoso (“O Lobo Diogo e o mosquito Valentim”) apresenta uma linguagem directa, melódica e tem uma orquestração brilhante.

João Paulo Santos, *O Comércio do Porto*, 20 Dez. 2002

Sobre essa saborosa fábula (O Lobo Diogo e o Mosquito Valentim de António Pires Cabral) construiu Eurico Carrapatoso uma partitura viva e colorida. De uma invulgar agilidade no tratamento das vozes e da orquestra, a obra retrata com inegável felicidade as diversas peripécias(...) A escrita de Carrapatoso é particularmente gratificante para as vozes. A naturalidade com que se canta, mesmo em passagens difíceis, contribuiu para o excelente desempenho de todos. Em bom plano se situou também a orquestra, com uma surpreendente energia e entrega na obra a estrear. A sua orquestração viva e colorida como que animou a orquestra.

Fernando Lapa, *Público*, 24 Dez. 2002

This very interesting music (CD Leonoreta, La Mà de Guido LMG 2047 – Sinfonietta/Vasco Azevedo) will appeal to all of those who love the works of Olivier Messiaen. In fact the first piece on this disc, "Modos de Expressão Ilimitada I", is dedicated to him. Although his influence on this gifted, Portuguese composer is certainly in evidence, Eurico Carrapatoso still has a sound all of his own, which seems rooted in the late romantic, Austro-German tradition. This is particularly true of the prelude-like "Das Ewig-Weibliche". The next selection, "Sete peças em forma de boomerang," for saxophone and strings, is a fascinating, stylistic palindrome, which pivots on the 4th of 7 sections. This release is different, engaging and recommended without reservation.

Bob McQuiston, *Tower Washington, DC*, 09 Fev. 2003

Finalmente, “Ay que dolor”, de Eurico Carrapatoso, (a partir de Garcia de Rezende), traz-nos a pureza de cinco vozes a-cappella num tratamento madrigalístico refinado.

Cristina Fernandes, *Público*, 21 Fev. 2003

“Ay que dolor”, de Eurico Carrapatoso, afirma, mais uma vez, a arte de saber escrever para vozes e a veia polifónica do autor. Escrita para a típica formação renascentista a-cappella, a peça respira um ambiente bem próximo dos madrigalistas. (...) A obra resulta num fresco de grande expressividade.

Fernando Lapa, *Público*, 23 Fev. 2003

Le Tombeau de Germaine Tailleferre (CD *Encontro*, La Mã de Guido LMG 2042) – en trois mouvements : L'élegie, Le Prince Igor, Le tombeau vide – d'Eurico Carrapatoso, est une parfaite et on ne peu plus poéthique réussite du genre.

Traversières Magazine n° 75 – Deuxième trimestre 2003

With their passion for new music, the members of the Galliard Ensemble ((CD opus number zoo, Deux-Elles DXL 1025 - Galliard Ensemble) are definitely doing their bit to open up the music of little-known composers to a wider public. What do you know of contemporary Portuguese composer Eurico Carrapatoso? His engaging Five Elegies definitely deserve to be heard.

Liz Mundler - *BBC Classical Review*, 17 Ag. 2003

As "Cinco Miniaturas" para quinteto de sopros de Eurico Carrapatoso, são de uma deliciosa leveza (CD *Light-Distance*, Deux-Elles DXL 1087 - Galliard Ensemble)

Teresa Cascudo, *Público*, 27 Dez. 2003

O imaginário de Sophia é matéria luminosa.

Se já é uma raridade uma ópera nova de autor português, por maioria de razão o é uma destinada a um público infantil. (...) É um belo sucesso "A Floresta", segundo o conto de Sophia de Mello Breyner, com música de Eurico Carrapatoso.

Augusto M. Seabra, *Público*, 01 Mar. 2004

"A Floresta musical"

Ópera infantil de Eurico Carrapatoso, a partir de Sophia, brilhou no São Luiz. Por vezes não há melhor forma de pôr a descoberto a densidade senão através de meios simples. (...) A peça é incrivelmente coesa e eficaz enquanto unidade. (...) A música de Carrapatoso prende, convence, arrasta quem a ouve. Tem uma característica comum às grandes músicas: o seu apurado nível de elaboração não precisa de se notar para se perceber que está lá, num fino rendilhado que se confunde com o argumento. Trata-se de uma abordagem plástica e contagiante que apela aos sentidos.

Luciana Leiderfarb, *Expresso*, 06 Mar. 2004

“Uma floresta onde bate um coração de criança”

Dirigida ao público infantil, foi com uma sala cheia dele que assistimos à ópera para crianças “A Floresta”, adaptada do conto homónimo de Sophia de Mello Breyner por Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada (libretistas) e Eurico Carrapatoso, o compositor. É bom sinal se dissermos que a obra conseguiu manter este público especial num nível próximo do silêncio. (...) Finalmente, o «adubo» de tudo isto: a música. A simplicidade harmónica, o melodismo e lirismo generosos, a vivacidade e ímpeto rítmicos, a frescura e largueza de horizontes da invenção trazem bem a assinatura de Eurico Carrapatoso, tudo cosido com uma capacidade de encadeamento e adequação às situações e às personagens (lá estão os motivos associados a certos personagens/situações) e com uma orquestração coesa, bem organizada (associação instrumentos-situações-personagens, retorno de temas e motivos) e que revela um punho muito pessoal e com grande capacidade de «jogar» neste universo, numa palavra, de encantar.

Obra: A Floresta. Autor: Eurico Carrapatoso. Local: Teatro São Luiz. Intérpretes: Solistas, Coro infantil, Orquestra Sinfónica Portuguesa /João Paulo Santos

Bernardo Mariano, *Diário de Notícias*, 07 Mar. 2004

There are five splendid Miniatures by Eurico Carrapatoso (born 1962) heard as a generous homage to Stravinsky and Poulenc and to Portuguese folksong. They end with a lovely chorale. (...) A refreshing repertoire brilliantly played. (CD *Light-Distance*, Deux-Elles DXL 1087 - Galliard Ensemble)

Patric Standford, *Wakefield UK*, 11 Abr. 2004

Como é típico em Carrapatoso, denota-se ao longo da audição uma rede de referências musicais (...) unificadas por um *savoir-faire* muito reconhecível e por um conhecimento do *métier* (linguagem pessoal, orquestração, articulação formal) muito sólido, que conferem à obra uma unidade de atmosfera(...) Dominante é uma escrita que «ilumina» as cordas e, em particular, o violoncelo solista/obligato, que, nas mãos de Irene Lima, trouxeram à obra um calor humano e emotivo próximo do universo poético de Ruy Belo.

Bernardo Mariano, *Diário de Notícias*, 07Jun. 2004

Estamos a entrar em 2005, ano em que decorre a celebração sobre os 10 anos da morte do compositor Jorge Peixinho. Tenho o privilégio de ter aqui comigo um excerto de uma obra ainda não editada

comercialmente, composta por Eurico Carrapatoso em memória do seu Professor e amigo. A obra chama-se “Deploração sobre a Morte de Jorge Peixinho”. A sua subtilidade tímbrica e evanescência criam um ambiente celestial. Qualquer um dos três andamentos que tive oportunidade de ouvir me deixou completamente arrepiado. Lanço o desafio aos programadores culturais do nosso país que, neste ano em que se comemoram 10 anos sobre a morte de Jorge Peixinho, não esqueçam esta obra.

João Godinho, programa da RDP 2 “Acordar a 2”, 22 Nov. 2004

“A Floresta” de Eurico Carrapatoso: uma bela proposta de imaginário infantil.

Augusto M. Seabra, *Público*, 12 Dez. 2004

Em “Cantigas de Alba”, de Carrapatoso, sobressaiu o “Pranto” inicial, belíssimo andamento lento e o “Baíllia/Leixa-Prén” central, com um perfume certo e requintado de dança campesina.

Bernardo Mariano, *Diário de Notícias*, 03 Ag. 2005

Pela singularidade e pela capacidade de transporem barreiras entre estilos, ou pela diversidade dos géneros abordados - música sinfónica, coral-sinfónica, música de câmara, ópera, coro à capella, música de câmara, música com texto, música para cinema e teatro, etc., ou ainda pela capacidade produtiva (uma vez que o volume de obras constitui também um patamar de visibilidade a registar), mas sobretudo pela qualidade intrínseca da sua música, destaque-se no final do século XX - e fortemente projectado para o século XXI - o trabalho especialmente relevante de António Vitorino d’Almeida (1941) de António Pinho Vargas (1951) e de Eurico Carrapatoso (1962).

Qualquer destes três músicos foge aos cânones e às classificações académicas. A autonomia dos seus trabalhos consagra-os como criadores que cultivam uma originalidade assinalável e representam linhas de pensamento musical dificilmente alinháveis com “ismos” e paternidades artísticas dificilmente identificáveis.

O mais interessante é o facto de essa originalidade ser precisamente o que mais favorece a identificação afectiva do público com as suas músicas (levantando-se aqui uma ponta do véu que cobre as relações que se estabelecem entre a música contemporânea e os novos públicos).

(...) Eurico Carrapatoso é um compositor desassombrado. A sua atitude perante a criação musical, especialmente a partir de 1995, quando surgiram as suas primeiras obras mais consistentes, constituiu

uma “pedrada no charco” do modernismo luso, um caso sério de sucesso junto do público e uma história de enamoramento permanente entre o acto composicional contemporâneo e a herança de quinhentos anos de criação musical ocidental. Dedicar-se inteiramente à música já numa fase madura da vida, depois de se ter formado em História, e assumir a sua não filiação musical como talvez jamais nenhum outro compositor português antes o terá feito.

A sua música descomprometida, não alinhada, e liberta de preconceitos castradores ao pensamento livre, abre espaço para mais um dos caminhos possíveis para a afirmação do discurso musical no final do século XX. A discussão que se instalou sobre esta linguagem nova (...) deixa de fazer sentido perante o encantamento que emana da música deste compositor.

in “Cultura Portuguesa Contemporânea: tempos, factos e autores”, Instituto Camões

Gabriela Canavilhas, Instituto Camões, Outubro de 2005

Com direito a locução em directo por força da transmissão em directo na Antena 2 e para a União Europeia de Radiodifusão, o concerto de Natal da Orquestra Metropolitana realizado na Aula Magna deu a ouvir duas obras de Eurico Carrapatoso. (...) Com uma linguagem que recupera os parâmetros clássicos da tonalidade, mas envolta num modernismo temperado muito pessoal, (...) Eurico Carrapatoso é um caso insólito de popularidade de um compositor português vivo na área erudita. (...) No “Magnificat em talha dourada”, obra de 1998, o aparato formal barroco, um multiestilismo unificado por uma escrita “reconhecível”, o gosto por estruturas concêntricas, o deleite textural, conjugam-se numa obra coerente, “nova” e bem pessoal.

Bernardo Mariano, *Diário de Notícias*, 24 Dez. 2005

É um prazer poder voltar a viver uma obra (“Magnificat em talha dourada”) criada por mim (privilégios do maestro) e que me deu tanto prazer de todas as vezes que foi feita, desde a estreia em 1998.

Enquanto maestro foi um dos grandes desafios que enfrentei até hoje. (...) É tão bom dar a ouvir pela primeira vez uma obra e poder depois repeti-la várias vezes e, mais que isso, vê-la tornar-se uma obra de repertório feita repetidamente por vários coros e orquestras. Sobretudo uma obra desta beleza.

Armando Possante, 24 Jan. 2006, opinião a propósito do “Magnificat”

O tratamento do texto (no “Requiem à memória de Passos Manuel”) é sempre sensível e prosodicamente impecável, e a escrita (...) de invejável economia e eficácia, consegue fazer maravilhas.

Manuel Pedro Ferreira, Público, 24 Jan. 2006

O teu paraíso é de facto edénico. Não há nada como escrever exactamente aquilo que se quer e eu tento fazer o mesmo.

Alexandre Delgado, 24 Jan. 2006, opinião a propósito do “Requiem à memória de Passos Manuel”

Usa dizer-se que a voz é o espelho da alma. (...) A voz expõe. Compor apenas para voz “a-cappella” representa o mesmo risco: a exposição. (...) E a inquietação do compositor é grande. Mais do que isso: nobre e generosa. Cerca de metade das suas obras inscrevem-se no modelo da polifonia sem acompanhamento. E constituem um corpo vital da música portuguesa contemporânea. (...)

“Magnificat em talha dourada” foi estreado em Lisboa, em 1998, e tem sido, até agora, um dos muitos segredos demasiado bem guardados da música portuguesa. Funda-se na linguagem barroca, sugerida pelo título, tem Bach e Pergolesi por perto, mas é sobretudo a belíssima expressão de Carrapatoso que marca a obra: o gosto da harmonização, a combinação dos universos sacro e profano e um movimento hipnótico que avança desde o primeiro momento.

Maria Augusta Gonçalves, Jornal de Letras 15-28 Fev. 2006

Convergência ou discordância, passageira ou não, fazem parte da discussão artística...

Um abraço também para o Eurico Carrapatoso, a quem realmente admiro, e em quem sinto um calor humano, veemente e vertebrado, que muita falta nos faz.

Manuel Pedro Ferreira, 16.II.2006, opinião a propósito do “Requiem à memória de Passos Manuel”

Esta peça foi-nos dedicada (ao Quarteto Lacerda), o que é uma honra, e são harmonizações cheias de poesia, muitíssimo bem escritas para quarteto de cordas, sendo sempre um prazer tocá-las.

Alexandre Delgado, 15.III.2006, opinião a propósito de “Sete velhos corais portugueses”

Gostei imenso do final (do Requiem) que acho verdadeiramente inspirador e um ponto alto da criação musical em Portugal. Espero com muita expectativa a gravação de toda a obra.

Henrique Silveira, 18.III.2006, opinião a propósito do “Requiem à memória de Passos Manuel”

Devo dizer que o disco "A Capella" contém música muito bela.

Henrique Silveira, 18.III.2006, no programa Seara de Sons, transmitido pela Antena 2 em 18 Mar. 2006

O *Requiem* “is a masterpiece...a masterpiece”. Admiro especialmente a extraordinária “evocação” do vale de Santarém, tal como é “observado” das Portas do Sol. “Imagem”, “paisagem”, “representação”, “actualização”, e até mesmo “ilustração” musical, a mim não me importam essas denominações, até me inspiram. A verdade é que essa “passagem” é, para mim, um dos trechos mais inspirados e significativos da história da música portuguesa.

José Eduardo Rocha (JER), 17.III.2007, opinião a propósito do “*Requiem à memória de Passos Manuel*”

Raras vezes se encontra uma peça programática com maior identificação com o sujeito. A maravilha deste disco é que é um Requiem, é Passos Manuel, é Vale de Santarém, é Tejo e tudo. Eurico Carrapatoso (n.1962) esteve-se nas tintas para as modas e compôs 51 minutos de contemplação e encanto. Aqui não há lugar para florerados ou explosões sonoras nem para cóleras divinas (...) No preguiçoso Tejo escalabitano, Carrapatoso encontrou o rio do Paraíso, com licença de Garrett (...) Inolvidável.

Jorge Calado, *Expresso*, 07 Fev. 2008

Eurico Carrapatoso, compositor respeitado e pedagogo idolatrado.

Bernardo Mariano, *Diário de Notícias*, 18 Mar. 2008

Vai bem com a expressão de Eurico Carrapatoso a figura de Passos Manuel, e vai bem com o liberal português o olhar do compositor, a eficácia da sua escrita, a mestria com que domina o texto, a compreensão do homem e do tempo, como se tudo fosse possível e tudo encontrasse sentido numa memória ou num sonho – um desses sonhos que perduram e atravessam gerações. (...) A relação com a terra é essencial em Carrapatoso – não apenas pela melodias tradicionais, muitas vezes usadas como material de base e sempre extraordinariamente trabalhadas, mas sobretudo pela forte assimilação da paisagem. O fenómeno repete-se no *Requiem*: a obra avança com a luz e a grandeza do rio (Tejo). Tudo “bate certo”, nada está a mais nem a menos, na relação entre a escrita musical e a palavra: as variações de tom, a entoação, o ritmo, a intensidade, a divisão silábica, o cruzamento das diferentes vozes com os diferentes instrumentos, numa “dança” que hipnotiza. Os primeiros compassos do *Introitus* sugerem de imediato um imenso *travelling* sobre o horizonte, consistente com o repouso eterno do texto, e o *Offertorium* adquire o carácter de libertação, culminando na intensidade de *Sanctus*. Tudo é belo e sedutor. A *Lux aeterna* encontra raízes na mais pura polifonia e conduz à perfeita harmonização da melodia *A Morte vem e não tarda, eu dela não me atemorizo*, que é repetida pelas cordas, abrindo caminho ao *Agnus Dei* e ao extraordinário *In Paradisum*, que se extingue em subtis cromatismos como leves reflexos do rio.

Maria Augusta Gonçalves, *Jornal de Letras* 12-25 Fev. 2008

Houve, decerto, beleza a rodos: em doses intermitentes no “Stabat Mater” de Boccherini; em doses mais fluentes, no de Carrapatoso (...) A coesão do conjunto, a justa percepção dos detalhes da textura e da orquestração, deve-se ao cuidado posto nesta obra pelo maestro Cesário Costa, ajudado por um compositor que faz gala em escrever clara e detalhadamente (...) Foi a segunda vez que Carrapatoso musicou este texto medieval. A peça que agora se estreou é muito mais distendida, corporizando uma visão solar de um texto que nos fala simultaneamente de agonia e de esperança (...) O resultado é lindo.

Manuel Pedro Ferreira, *Público*, 23 Mar. 2008

Estreia no CCB do «Stabat Mater» de Eurico Carrapatoso

PontoContraPonto é uma das iniciativas mais interessantes do CCB: o convite à descoberta dos contrastes e paralelos entre duas obras com algo de comum, executadas no mesmo concerto. Desta vez, a comparação era entre dois Stabat Mater: o de Eurico Carrapatoso (n. 1962) - uma encomenda do CCB em estreia absoluta - e o de Luigi Boccherini (1743-1805), composto em 1781; o primeiro tocado pela Orchestrutopica e o segundo pelo Divino Sospiro - as duas orquestras residentes (outra iniciativa louvável) do CCB. Foi, a quase todos os títulos, um concerto perfeito(...)

Ainda mais notável foi a estreia do Stabat Mater de Carrapatoso - uma variante mais profana, com um soneto de Camões («Dece do Ceo imenso Deus benino») bem pregado na cruz do texto tradicional. Não se perde uma sílaba (ao contrário do que acontece em Boccherini) e os timbres das notas refulgem individualmente: a música de Carrapatoso faz a apologia do texto, da melodia e da tonalidade. À frente da Orchestrutopica, Cesário Costa continua a afirmar-se como o nosso melhor (e mais versátil) maestro. A obra começa no trompete (excelente António Quítalo), seguindo-se uma sequência de notas soltas no piano, quais sete lágrimas ou dores cravadas no coração de todas as mães. Há solos plangentes do violoncelo (Marco Pereira), intervenções apocalípticas da trompa, cordas percutidas do contrabaixo e o estilo declamado e homofónico do barítono solista, o excelente Armando Possante (também director do Grupo Vocal Olisipo, encarregado da parte coral). Este Stabat Mater vive dos contrastes entre as notas soltas do piano ou da percussão e o fluir untuoso das cordas e metais. Um dos prazeres maiores é a descoberta de translações e simetrias - as intervenções do piano (Elsa Silva), a espiritualidade do falsete dos fins das estrofes, etc. A simetria maior é a do próprio tema: um Deus que se fez homem para que o homem pudesse ascender ao divino. Ou, no estro de Camões, «Se o homem quis ser Deus, que Deus seja homem.»

Jorge Calado, *Expresso*, 29 Mar. 2008

Percebeu-se que a ópera (A Floresta) de Carrapatoso / Alçada + Magalhães é uma linda árvore na floresta do repertório infantil.

Jorge Calado, *Expresso*, 03 Mai. 2008

The CD "Canções Lunares" [Lunar Song]: definitely an excellent recording! (...) Carrapatoso's *Rustic Sweet* should become an often-played staple of the horn recital literature. Hearing Bernardo Silva play the *Suite* is a joy!

Brass Bulletin, *Recording Reviews*, 03 Mai. 2008

The Portuguese Eurico Carrapatoso succeeded in putting the imagination on the move in his piece *La rue du chat qui pêche*.

Helsingin Sanomat, Finlândia, 08 Jul.2008

(Última actualização: 02 Jan. 2009)